

**REFLEXÕES PEDAGÓGICAS VOLTADAS AOS
ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO
GROSSO¹**

**PEDAGOGICAL REFLECTIONS ON STUDENTS WITH AUTISM
SPECTRUM DISORDER AT THE UNIVERSITY OF THE STATE OF
MATO GROSSO**

Dyanne Karine Araújoⁱ

RESUMO: A abordagem do seguinte artigo tem como enfoque os estudantes com transtorno do espectro autista nos cursos de licenciatura da Universidade do Estado de Mato Grosso, abordando as práticas pedagógicas que foram atribuídas a esses estudantes com autismo. Foi utilizado método o estudo de caso para abordagem do assunto, por meio de entrevistas que teve como sujeitos do artigo os estudantes com transtorno do espectro autista, no âmbito da universidade estadual do Mato Grosso no primeiro semestre do ano de 2024. Onde obtiveram resultados positivos em questão do apoio pedagógico da universidade, podemos dizer que a universidade é praticante da inclusão e oferece apoio a esses estudantes.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista (TEA). Ensino superior. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT²: The approach of the following article focuses on students with autism spectrum disorder in the undergraduate courses of the State

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DEDICADAS A ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM NOS CURSOS DE LICENCIATURA”, sob a orientação da Profa. Dra. Chiara Maria Seidel Luciano Dias - Curso de Matemática, Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas (FACET) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2024/2.

² Resumo traduzido por Profa. Ma. Priscila Ferreira de Alécio, graduada em Letras, Língua Portuguesa e Língua Inglesa (UNEMAT, Sinop). Mestra em Letras (PPGLetras – UNEMAT).

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4180046703299436>.

E-mail: priscila.alecio@sou.ufmt.br.

University of Mato Grosso, where it focused on the pedagogical practices that were attributed to these students with autism. The case study method was used to approach the subject, through interviews that had as subjects of the article the students with autism spectrum disorder, within the scope of the state university of Mato Grosso in the first semester of the year 2024. Where they obtained positive results in question of the pedagogical support of the university, we can say that the university is a practitioner of inclusion and offers support to these students.

Keywords: Autism Spectrum Disorder (ASD). Higher education. Pedagogical practices.

1 INTRODUÇÃO

O seguinte artigo teve como temática a abordagem sobre estudantes com autismo na Universidade do Estado de Mato Grosso, uma temática que aumentou ao passar dos anos, relatou sobre as práticas pedagógicas e a inclusão que os mesmos receberam durante o trajeto escolar até o percurso do ensino superior.

O estudo se justificou a partir de alguns questionamentos que levaram a autora pensar o que os estudantes com TEA (Transtorno do Espectro Autista) no ensino superior tiveram de apoio durante o percurso do ensino, o que eles acharam que precisam vir a melhorar no âmbito acadêmico em especial aos estudantes com TEA (Transtorno do Espectro Autista).

Neste caso o artigo tem como objetivo discutir as possibilidades de inclusão e acessibilidade dos estudantes com TEA na Universidade Do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), nos cursos de licenciatura bem como, compreender o TEA e suas implicações no espaço universitário e refletir sobre a legislação e políticas públicas destinadas ao público-alvo desta pesquisa. É uma pesquisa qualitativa, sendo abordado um estudo de caso no qual os sujeitos de pesquisa são estudantes de licenciatura do período noturno da Universidade do Estado de Mato Grosso. Ocorreu no primeiro semestre de 2024/1 sendo entrevistas na UNEMAT, Campus Sinop, Mato Grosso.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O que é o Transtorno do Espectro Autista (TEA)?

Segundo a DSM-5 (2014), o transtorno do espectro autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades. Percebendo o neurodesenvolvimento da criança logo nos primeiros meses de vida, tem-se o diagnóstico estabelecido

por volta dos 2 a 3 anos de idade. O quanto antes houver o diagnóstico, pode-se levar a melhores resultados a longo prazo. A etiologia do transtorno do espectro autista ainda permanece desconhecida. Evidências científicas apontam que não há uma causa única, mas sim a interação de fatores genéticos e ambientais.

Cada pessoa com TEA apresenta um diagnóstico singular, ou seja, não é possível colocar todas na mesma caixa, cada uma tem suas peculiaridades e dificuldades. Algumas pessoas conseguem ter vidas funcionais e estudar, trabalhar e se relacionar. Já outras têm muita dificuldade para interagir com as pessoas e o mundo à sua volta, necessitando de cuidados ao longo da vida. Além disso, o nível de funcionamento intelectual vai desde deficiência profunda até habilidades cognitivas não verbais superiores.

2.2 O que os autores dizem sobre o autismo?

O autismo em si já era estudado antes mesmo de ter esse nome mais era comparado com esquizofrenia e foi pela primeira vez falado na Psiquiatria em 1906, para caracterizar um processo específico de pensamentos de paciente diagnosticado por Plouller, como esquizofrênicos”. Gaudrer (1985), Nunes e Nunes (2003).

Como essa citação já diz era visto como outras doenças ou síndromes, antes de chegar ao nome autismo e já era algo antigo mais que teve repercussões maiores nas décadas seguintes.

Alguns autores trabalhados nessa pesquisa relatam sobre como surgiu o autismo, que nos primeiros estudos diziam que era uma esquizofrenia, porém, nos estudos importantes do psiquiatra Leo Kanner, ele observava as crianças exibindo comportamentos atípicos em relação a sua necessidade. Então, novas pesquisas foram feitas baseadas na de Leo Kanner, onde houve mais dúvidas sobre o assunto, até supôs que o comportamento autista fosse por causa de falta de relacionamento afetivo entre pais e filhos, segundo Kanner:

O vocabulário incrível das crianças que adquiriram a linguagem, a excelente memória para acontecimentos ocorridos há vários anos, a fenomenal capacidade de decorar poemas e nomes e lembrar-se precisamente de sequências e esquemas complexos, testemunham uma boa inteligência no sentido comumente aceito deste termo (Kanner, 1943, p. 247-248).

Ocorreu várias pesquisas até que em 1978, o psicólogo Michael Rutter, com base em suas pesquisas, constatou o autismo em quatro critérios: atrasos cognitivos e desvio social; problemas de comunicação; comportamentos incomuns, tais como movimentos estereotipados e compulsivos, e início do quadro anteriormente dos 30 meses. O trabalho de Rutter e os demais colaboradores influenciaram no DSM, em 1980, quando o autismo foi reconhecido e colocado em uma classe de transtornos: os transtornos invasivos do desenvolvimento (TIDs). Já sob as constatações da psiquiatra inglesa, Lorna Wing, que já na década de 1970 teria apontado o autismo como um espectro de

condições, que deveria ser analisado sob níveis diferentes, ela fundou juntamente com Judith e o centro Lorna Wing, a National Autistic Society (NAS) e, algum tempo depois, já no século 21, em 2007, a ONU proclamou o dia mundial da conscientização sobre o autismo. Entre 2012 e 2013, foi publicada a quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais- DSM-5, no qual o quadro diagnóstico para o autismo configurava-se em um capítulo especial, como um Transtorno do Neurodesenvolvimento.

2.3 Vida adulta com TEA

Os desafios do TEA são amplamente conhecidos durante a infância, devido à vasta quantidade de estudos destinados a essa faixa etária, porém, à medida que vão crescendo e tornando-se adultos, os autistas precisam enfrentar situações sociais mais complexas. Suas dificuldades na comunicação e na interação social acarretam prejuízos nas mais variadas esferas da vida nos âmbitos pessoal, acadêmico e profissional. Dificuldades para encontrar e manter o emprego, falta de habilidades para a vida independente, poucos relacionamentos íntimos e isolamento social são alguns dos fatores que contribuem para uma baixa qualidade de vida de pessoas autistas adultas (Brugnera; Dias, 2023).

De acordo com Silveira, Donida e Santana (2020), o contingente de estudantes autistas nas Instituições de Ensino Superior (IES) ainda é recente. Pesquisando a respeito de inclusão e permanência nas IES, as autoras destacam a necessidade de adaptações curriculares e de mudanças na formação dos docentes, para melhor compreensão do perfil dos estudantes autistas.

Conforme a pesquisa vem abordando sobre o autismo, que ao passar dos anos vem aumentando não especificamente dizendo das crianças mais os adultos que vem ingressando dentro das universidades.

2.4 Educação Inclusiva

A inclusão no processo educacional da pessoa com autismo no Brasil é um tema que vem sendo mais amplamente difundido a partir do início do século XXI e faz parte dos programas de educação para pessoas com deficiência e com necessidades especiais. A educação inclusiva é primordial para a integração dos estudantes com ou sem deficiência, pois ela procura buscar formas de a escola ou a universidade se colocar na situação em que o estudante não se sinta excluído, ou até mesmo se sinta estranho no ambiente, tanto com os colegas e professores quanto nas atividades desenvolvidas (Brugnera; Dias, 2023).

Os alunos com deficiência exibem “determinadas condições específicas, podem necessitar de apoio de serviços de educação especial durante todo ou parte do seu percurso escolar, de forma a facilitar o seu desenvolvimento acadêmico, pessoal e socioemocional” (Correia, 2005, p. 14), têm condições específicas que exigem, na maioria dos casos, a elaboração de programas individualizados e a colaboração de serviços educacionais. O grupo de deficiências inclui autismo, deficiência mental,

problemas de comportamento e linguagem, perturbações emocionais, dificuldades de aprendizagem, deficiência física e sensorial (Correia, 2001).

Como vimos que a educação inclusiva é primordial para a integração dos estudantes, podendo observar a perspectiva onde Brugnara e Dias (2023, p. 408-423) relatam:

Nesse contexto, no ensino superior, o acadêmico também tem seus direitos garantidos por lei, devendo ter acesso a materiais e a provas adaptadas as suas necessidades. A presença do professor e o acompanhamento de todo o processo de ensino e aprendizagem do acadêmico é fundamental, ou seja, é condição para que o acadêmico com deficiência tenha êxito em seu percurso e conclua sua formação.

Dito isso percebemos que os estudantes com necessidades possuem seus direitos dentro das universidades também, onde precisa de um apoio e uma adaptação para cada caso em específico sendo incluindo recursos tecnológicos, e outros suportes como interpretes, escrevedores, leitores e adequação de metodologias de ensino viabilizados em aulas presenciais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste local serão apresentadas as respostas dos questionários aplicados com os estudantes com transtorno do espectro autista da Universidade do Estado do Mato Grosso.

O que fez você ingressar na faculdade?

(01) Estudante G: Então, para falar a verdade, eu também não sei. Depois do ENEM, descobri que eu tinha tirado uma boa nota, e desde que eu era criança gostava bastante e brincar de escolinha e tudo mais, achei que seria legal ser professor quando crescesse. Aí me inscrevi em Pedagogia. Claro foi em segundo lugar pra mim eu não precisava não fazer ideia do que pedagogia fazia. Eu queria fazer letras de português pro inglês. Graças a Deus eu não fiz, porque vai ter que escrever pra caramba. E uma coisa que eu não gosto de fazer é escrever.

(02) Estudante M: Oportunidade, né? De ter um diploma. Tentar fazer a faculdade.

Segundo as respostas dos entrevistados podemos ver que nenhum deles teve aquele interesse de estar ingressando numa faculdade onde preocupa-nos pois pode ser a questão de se sentir não inclusos nas atividades propostas ou como foi dito para obter um diploma.

E como você sentiu ao entrar em relação dos professores e colegas de sala? Conte-me um pouco. Quando você entrou na universidade, como foi? Sensação de entrar, os colegas, os professores?

(03) Estudante G: Bem estranho, porque todo mundo tem esse processo de adaptação da escola para a faculdade, tem mais essa liberdade, você pode ir no banheiro na hora que você quiser, pode usar o celular na hora que você quiser. Você pode olhar lá fora, ver que não tem nenhuma fila no lanche, sei lá, vou lá comprar o salgado enquanto ainda tem tempo.

(04) Estudante M: Os colegas a gente não têm muita ligação. Não conheço e também acho estranho, dependendo das pessoas eu acho estranho.

Nas respostas dos entrevistados podemos ver falas em comum pois acharam estranho, pelo fato de não interagirem muito, não sentir aquela confiança em si mesmo. Podemos nos preocupar e nos precaver em relação a isso para quando adentrarem estudantes com deficiências olhar de outra maneira para a universidade.

Você recebe algum apoio pedagógico da universidade?

(05) Estudante G: Eu acho que sim, tem a Sabrina ledora.

(06) Estudante M: Pedagógico? Eu tenho o José, né? Que é o meu auxiliar.

Para melhor aprendizado os entrevistados possuem auxílio dentro de sala, onde auxilia muito para o desenvolvimento dos mesmos.

Desde que ingressou na universidade, você possui auxiliar? Se não, conte-me como foi o seu desempenho e até qual semestre você ingressou sem auxílio?

(07) Estudante G: Eu sem auxiliar, eu fui longe, mas foi por causa dos professores, até o terceiro semestre mais ou menos fui tateando no escuro. Só depois que descobri que era autista, os professores buscaram outros meios de me avaliar e eu consegui me avançar até o quinto semestre que foi quando começaram com uma auxiliar pra mim.

(08) Estudante M: Ah, desde o início, porque eu comecei na engenharia, na engenharia não deu certo, daí eu passei pra geografia. E eu vi uma vaga pra geografia, mais eu queria a mesma história. História é meu forte, geografia não.

Nessa pergunta podemos ver que o estudante G teve mais dificuldades porém o auxílio e compreensão dos professores fizeram ele se desenvolver e assim conseguindo o avanço nos semestres. Já o estudante M sempre teve auxílio na sala.

Houve um melhor aprendizado após a chegada da auxiliar? Explique alguns pontos que você viu melhoras.

(09) Estudante G: Muito principalmente na hora de escrever algumas coisas, porque eu tenho anos que faço leitura desde criança até agora acho que faz mais de dez anos, e uma coisa que acostumei na leitura é ler um texto e praticamente adaptar ela pra uma coisa mais fácil e simples de entender na minha própria cabeça, e nesse processo de adaptação eu me acostumei a pegar algo e resumir, e chegou na faculdade era exatamente ao contrario tu pegava algo e complicava, colocava em palavras um pouco mais difíceis e isso pra mim é muito difícil e é até hoje.

(10) Estudante M: Sim, ele me ajuda a fazer, quando eu preciso.

Podemos ver que um auxílio dentro da sala para esses estudantes com TEA além de ser direito deles, ajudam muito no desenvolvimento social e interação com os conteúdos, os colegas, até mesmo com os professores.

Na sua opinião o que pode melhorar na universidade em relação ao apoio pedagógico para os estudantes com autismo?

(11) Estudante G: Não sei mais auxiliar, de preferência mais gente concursada vindo trabalhar seria melhor.

(12) Estudante M: Para mim, está bom. Está bom porque agora tem profissional, antes não tinha nada. Era um preconceito bem grande, briga e cor, não gosto nem de lembrar.

Para o estudante M vemos que está tudo certo pois ele sabe das dificuldades que estudantes com TEA enfrentaram e ainda enfrentam no dia a dia, e não é somente preconceito com o transtorno mais muitos sofrem bullying.

Você acha que os professores deveriam ter cursos específicos para lidar com os estudantes com autismo?

(13) Estudante G: Um curso específico não seria bom porque nem todos vão lembrar dessa matéria, ou fazer isso ou aquilo, seria mesmo melhor ter algum responsável por avaliar psicologicamente o aluno, dar uma passada na sala de aula de vez em quando ai seria melhor, seria mais fácil identificar, porque se deixa tudo pro professor uma hora ele vai acabar esquecendo, mais se tiver uma pessoa específica para esse tipo de assunto acho que seria melhor.

Uma interessante observação podemos obter dessa resposta, pois os estudantes com TEA são avaliados pelos seus auxiliares que estão ali o tempo todo com eles, precisaria fazer com que alguém da especialidade fizesse uma avaliação individual cada estudante, para saber o que melhorar e conversar com os professores para eles mesmos incluam esses estudantes com atividades diferenciadas.

Mas o auxiliar ajuda bastante então na universidade?

(14) Estudante M: O auxiliar sim. Agora eu, sozinho mesmo, eu nem tinha vindo mais pra faculdade. Eu estou passando também por um momento depressivo. Eu não estou bem, da cabeça. Eu parei com os remédios né, faz tempo. Daí eu vou no médico, o médico público não sabe o que está falando, daí eu fico quieto. Eu já fui médico aí, psicólogo, psiquiatra, todos falam a mesma coisa toma isso e vai embora só, mais nada, não fala sobre seu problema, fala nada, não ajuda em nada. E se for pagar, sai caro, né? Antes eu ia no psicólogo, né, quando eu era criança.

Dessa resposta podemos pensar que o auxílio que esses estudantes possuem também se tornam amigos um alguém íntimo que tem total liberdade para conversar, tentar resolver alguns problemas, alguém que não vem somente para ajudar no aprendizado e sim ajudar a pessoa toda com sua interação, sua cognição, seu ânimo. Podemos acrescentar na resposta do estudante M que adultos autistas não diagnosticado na infância são mais propensos a desenvolverem transtorno depressivo, principalmente, por apresentarem tendências a interpretações equivocadas de como são percebidos pelos outros e mesmo aquele que apresenta cognição normal tende a isolar-se.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo as reflexões dos estudantes com transtorno do espectro autista na universidade, que para elaboração desse artigo se propuseram a me conceder entrevistas para minhas intenções em relação a eles e a universidade, foram estudos voltados a esse público donde relataram sobre sua trajetória e suas dificuldades no ensino superior.

De acordo com os entrevistados a universidade é um campo de conhecimento e inclusão das pessoas que possuem deficiências, relataram que o auxiliar que eles têm de direito ajuda muito na aprendizagem e desenvolvimento acadêmico. Tendo em vista que os professores também possuem um olhar diferenciado para os estudantes com transtorno do espectro autista, onde eles adaptam suas aulas e suas avaliações para que todos participem.

Em vista logo podemos relatar que esses estudantes estão no âmbito acadêmico recebendo apoio pedagógico, estão incluídos no âmbito, nas atividades e avaliações, tem um auxiliar como de direito. E logo podemos dizer que a universidade acolhe os estudantes com deficiências, a uma equipe pedagógica para receber esses estudantes, há psicólogos se acaso necessitem, isso a todos não especificamente aos estudantes com alguma deficiência. Para melhor atender a necessidade de todos sendo uma universidade com práticas de inclusão.

REFERÊNCIAS

- BRUGNERA, E. D.; DIAS, M.A.D. Inclusão de alunos com deficiência no campus da Unemat de Sinop: percepção da educação em tempos de pandemia REP's. **Eventos Pedagógicos**, [S/I] v. 14, n. 2(36. ed.), p.408-423, jun./jul.2023 [Disponível em: https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/12036](https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/12036). Acesso em: 6 nov. 2024.
- CORREIA, L. M. Educação inclusiva ou educação apropriada? In: RODRIGUES, D. (Org.). **Educação e diferença**. pp. 125-142. Porto: Porto Editora, 2001.
- CORREIA, L. M. A filosofia da inclusão. In: CORREIA, L. M. (Org.). **Inclusão e necessidades educacionais especiais: Um guia para educadores e professores**. pp. 11-37. Porto: Porto Editora, 2005.
- KANNER, Leo. Autistic Disturbances of Affective Contact. **Nervous Child**, n. 2, p. 217-250, 1943.
- SILVEIRA, Patrícia Tusset da; DONIDA, Lais Oliva; SANTANA, Ana Paula. Inclusão e permanência de universitários com diagnóstico de transtorno do espectro autista: discussões acerca de barreiras linguísticas. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 25, p. 659-675, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/TH57DrKIHRCHqksd3SjfdLD/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 6 nov. 2024.

Recebido em: 6 de novembro de 2024.

Aprovado em: 12 de dezembro de 2024.

<https://doi.org/10.30681/reps.v15i3.13173>

ⁱ **Dyanne Karine Araújo**. Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Câmpus Universitário de Sinop, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN), semestre 2024/2. Sinop, Mato Grosso, Brasil.

Curriculum Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4257686608707028>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1474-595X>

E-mail: dyanne.araujo@unemat.br